



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Segurança e Defesa

JOVENS E FORÇAS ARMADAS

CARDOSO, António Ideias

Licenciado

DGPRM/MDN

antonio.cardoso@defesa.pt

BAPTISTA, Luís Vicente

Professor Doutor

FCSH/UNL

RESENDE, José Manuel

Professor Doutor

FCSH/UNL

VIEIRA, Inês

Mestre

CESNOVA/FCSH/UNL

MENDONÇA, Cláudia

Licenciada

DGPRM/MDN

Resumo

Nas sociedades actuais qualquer instituição, entre elas a militar, não é mais julgada pelo que se propõe fazer, mas pelo que efectivamente faz. Tratadas pela sociedade e pelo mercado como qualquer outra instituição, as Forças Armadas estão, assim mais sujeitas ao escrutínio e controlo social. Cultivar a legitimidade tornou-se cada vez mais uma necessidade, tendo em vista a prevenção de possíveis situações de banalização institucional. Para além desta atitude de cariz pró-activo, os pressupostos da profissionalização, enquanto novo modelo de organização, também lhes exigem uma permanente capacidade para conseguir obter os recursos humanos necessários ao desenvolvimento das suas missões. Para contribuir para a construção de estratégias solidificadas de intervenção neste domínio, torna-se necessário recolher elementos que permitam traçar um diagnóstico da situação, o que implica, forçosamente, considerar como objecto de análise, as inter-relações estabelecidas entre as Forças Armadas e a sociedade envolvente. É neste quadro que se insere este estudo que, a coberto da realização do Dia da Defesa Nacional, procura apreender e caracterizar o que pensa das Forças Armadas e das suas ofertas de emprego um dos segmentos populacionais mais importantes no contexto da profissionalização, ou seja, a população jovem (de ambos os sexos) com 18 anos de idade. Tendo em consideração o facto de o Dia da Defesa Nacional permitir a recolha de dados desta natureza desde 2005, será possível agora apresentar as tendências evolutivas dos mesmos.

Abstract

Any institution in contemporary societies, including the military is no longer judged by what it proposes to do, but by what it actually does. Faced by society and the market as any other institution, the Armed Forces are thus more subject to scrutiny and social control. Growing legitimacy has become increasingly a necessity in order to prevent possible situations of institutional banality. In addition to this attitude of pro-active nature, the assumptions of professionalization as a new model of organization, they also require an ongoing capacity to obtain the necessary human resources to the development of their missions. To contribute to the construction of solid intervention strategies in this area, it becomes necessary to collect evidence to draw a diagnosis of the situation, which necessarily leads to consider as an object of analysis, the inter-relations between the military and society. With this background, and throughout the data collected from the National Defense Day, we seek to apprehend and to characterize the thinking constructed upon the Armed Forces and their job offers by one of the most important segments of the population in the context of

Professionalization: the young people (both males and females) with 18 years of age. Taking into account the fact that the National Defense Day allows the collection of data of this nature since 2005, we can now display its evolutionary trends.

Palavras-chave: Forças Armadas; Profissionalização; Recrutamento; Jovens; Emprego

Keywords: Armed Forces; Professionalization; Recruitment; Youth; employment

PAP0705

Jovens e Forças Armadas – breve apresentação deste programa de estudos

Desde 2004, com o arranque da implementação do Dia da Defesa Nacional, a Direcção-Geral de Pessoal e Recrutamento Militar, em parceria com o Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa, decidiram desenvolver um programa de estudo destinado a monitorizar a aceitação deste evento por parte dos jovens, assim como analisar os vários domínios da relação que os jovens estabelecem (ou podem estabelecer) com as Forças Armadas. Entre 2004 e 2010, período em que o Dia da Defesa Nacional era apenas obrigatório para os cidadãos do sexo masculino no ano que completam 18 anos, foram inquiridos sensivelmente 50 mil jovens em cada edição anual.

Na edição de 2010/2011, com o alargamento desta obrigatoriedade também às mulheres, este valor foi de aproximadamente 100 mil, permitindo pela primeira vez explorar a influência da dimensão de género na relação dos jovens com as Forças Armadas. É esta inovação em termos de dados que se constituirá como o enfoque desta comunicação.

A profissionalização do serviço militar, ao assentar na prestação de serviço militar em regime de contrato, coloca as Forças Armadas numa situação em que têm de ser uma entidade empregadora atrativa e capaz de conseguir captar os recursos humanos de que necessita para cumprir as suas missões. Com modelo organizacional torna-se imperativo conhecer de forma aprofundada o segmento populacional que visam atrair, assim como caracterizar a forma como são representadas e avaliadas por esta população. Conhecer a relação dos jovens com as Forças Armadas, identificar os fatores que a influenciam e identificar o seu sentido de evolução, são os propósitos que o presente programa de estudos tem visado cumprir desde que está a ser implementado.

2. A população inquirida em 2010/2011 (no âmbito do Dia da Defesa Nacional)

A população inquirida participou no Dia da Defesa Nacional entre Setembro de 2010 e Maio de 2011, em 13 Centros de Divulgação localizados em todo país. Tendo em conta a obrigatoriedade associada à participação neste evento, pode dizer-se que o universo em estudo compreende os jovens portugueses de ambos os sexos que completam 18 anos de idade neste período, podendo neste caso considerar-se que estamos perante um recenseamento desta população (pois apenas 13% desta população não foi inquirida por ter faltado ou requerido um adiamento).

Em termos de caracterização desta população o primeiro aspeto para que chamamos à atenção prende-se com a homogeneidade da idade. Como já foi referido, todos os jovens inquiridos têm, ou vão completar 18 anos de idade. No entanto, apesar desta homogeneidade, pode dizer-se que a diversidade é a sua principal marca distintiva. Olhando para a tabela n.º1, que cruza as habilitações literárias com o género, damos conta que perto de 62% da população inquirida frequenta o 12º ano de escolaridade ou o ensino superior, mas é também relevante que 20% desses inquiridos não ultrapassam a escolaridade obrigatória (9º ano). Apesar de estarmos perante uma coorte geracional nascida numa época de forte massificação escolar (1993), e de estarmos num contexto em que se discute a elevação da escolaridade obrigatória para o 12º ano, a percentagem de população que não ultrapassa o 9º ano assume uma relevância significativa.

Em termos de influência género verifica-se que há um significativo predomínio das raparigas nos níveis mais elevados de escolaridade. Para um valor médio de 23,8% de população inquirida a frequentar o ensino superior, valor para o sexo feminino é de 28,2% e para o masculino é de 19,4%, ou seja, uma diferença de sensivelmente 10%. Nos níveis mais baixos de escolaridade a relação é a inversa, havendo predomínio do sexo masculino.

Tabela N.º 1: Variação das Habilitações literárias por género

Nível de Escolaridade * Género				
		Género		
		Masculino	Feminino	Total
Nível de Escolaridade	Menos que o 9º ano	3106	1597	4703
		6,4%	3,3%	4,9%
	9º ano	8801	5047	13848
		18,0%	10,6%	14,3%
	10º ou 11º ano	9640	8522	18162
		19,7%	17,9%	18,8%
	12º ano	17815	19094	36909
		36,5%	40,0%	38,2%
	Freq Ensino Superior	9486	13449	22935
		19,4%	28,2%	23,8%
Total		48848	47709	96557
		100,0%	100,0%	100,0%

Analisando a variação da escolaridade da população em termos regionais, tomando como referência o Distrito de residência, podemos dizer que as diferenças são muito significativas. O distrito onde a percentagem de população que frequenta o ensino superior é mais elevada (média nacional é de 23,8%) é o de Coimbra com 29,5%, seguido de Lisboa com 27,8%. No quadrante inverso, temos os Açores com 11,3%, a Madeira com 14,2% e Beja com 17,8%. A diferença entre o mais escolarizado e o menos, vista pela percentagem de frequência o ensino superior, é de quase 20%. Sendo homogénea na idade, a população inquirida apresenta percursos escolares muito distintos em termos de género e em termos regionais.

3. As Representações sociais sobre as Forças Armadas

Na investigação sociológica as representações sociais gozam de um certo estatuto sendo consideradas capazes de se constituir em objecto de estudo autónomo para Durkheim, ou um quadro de referência e um vector da acção dos indivíduos, descrevendo um saber comum e tendo o poder de antecipar e predizer o seu comportamento no pensamento de Max Weber.

Até à actualidade, têm sido várias correntes teóricas que utilizam e definem o conceito de representações de forma diversificada. Contudo, não é a caracterização dessa diversidade que se pretende desenvolver no âmbito deste texto. Pretende-se apenas, chamar a atenção para o facto de as representações serem um elemento essencial quando se trata da identificação e interpretação de dispositivos de acção dos sujeitos face a um objecto representado numa determinada situação ou contexto. Sendo um elemento adjuvante dessa mesma acção, as representações constituem referenciais explicativos, comunicacionais e operatórios com funcionalidades práticas diversas, de entre as quais se destacam a organização significativa da realidade, a

possibilidade de realizar actos comunicacionais, a produção de diferenças e distinções entre grupos sociais e a orientação de comportamentos e atitudes face ao objecto representado. São estes os preceitos que fundamentam a importância conferida ao estudo das representações sobre as Forças Armadas e com os quais se pretende proceder ao seu desenvolvimento.

Se se pretende mensurar a atractividade que as Forças Armadas, e as profissões que lhe são inerentes, têm junto de um determinado grupo populacional - neste caso, os jovens de sexo masculino que perfazem 18 anos -, ou identificar o lugar que é conferido às Forças Armadas na estruturação de trajectórias de cariz profissional, tal implica que se proceda ao questionamento das representações que este grupo populacional veicula a seu respeito.

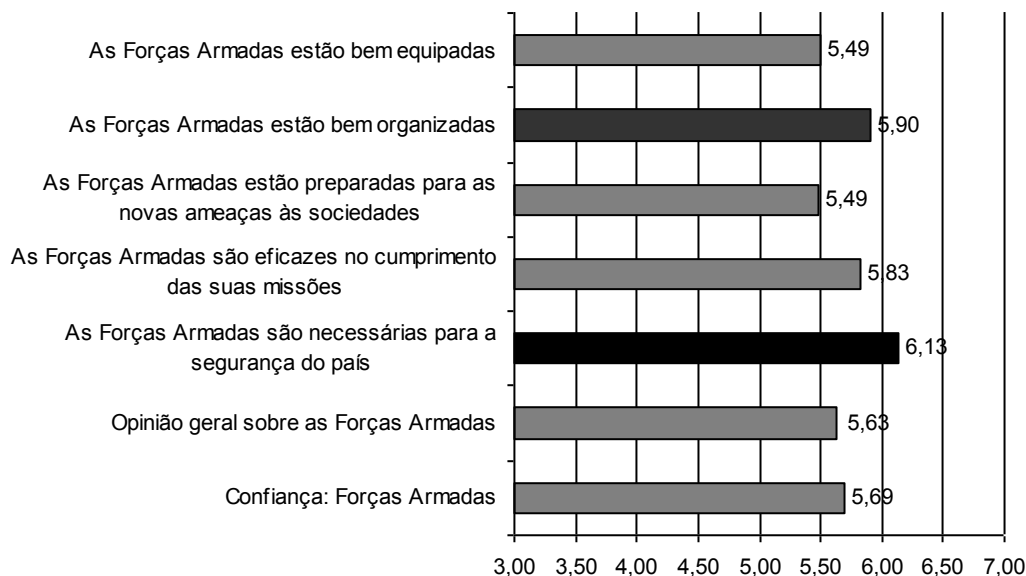
Por outro lado, pode também dizer-se que a própria dinâmica da modernidade e a consequente evolução das estruturas de Forças Armadas (ou seja, a sua profissionalização), implicam, por parte destas, uma atitude de procura constante de legitimidade institucional. Como afirma Battistelli (Battistelli, F. 2004), as instituições, não só as Forças Armadas, são investidas de um processo de secularização, perdendo, na sequência do mesmo, aquela aura de sacralidade que no passado lhes garantia a adesão dos indivíduos. Por mais elevado que possa ser o fim perseguido por cada uma, as instituições têm, cada vez mais, de procurar no dia-a-dia a manutenção da sua legitimidade. Encarando a situação pela óptica do recrutamento, importa dar conta que para Emmanuelle Lada, a capacidade das Forças Armadas para recrutar jovens passa, sem qualquer dúvida, pelo questionamento das representações acerca das Forças Armadas que são veiculadas por esta população” (Lada, E. Etall; 1998: 6).

Assim, o desenvolvimento deste ponto incide sobre a análise dimensional aos conteúdos das representações sobre as Forças Armadas, construídas pelos jovens participantes no Dia da Defesa Nacional, abarcando, em primeiro lugar, a dimensão institucional, que engloba a apreciação da sua utilidade e eficácia e o grau de confiança que lhes é atribuído. Em segundo lugar, é abordada a dimensão profissional, incidindo sobre a forma como são caracterizadas enquanto oportunidade profissional e a apreciação do que proporcionam neste domínio.

a) As representações de índole institucional

No que respeita aos dados obtidos para esta dimensão das representações, expressos no gráfico n.º 1, a primeira grande conclusão que se extrai é que as Forças Armadas gozam de uma boa imagem junto da população que suporta o presente estudo, uma vez que todos os indicadores que foram utilizados apresentam valores amplamente positivos. No entanto, desta positividade é possível destacar o facto de a necessidade das Forças Armadas para o país ter sido o item mais valorizado (6.13), seguido da capacidade de organização evidenciada por esta instituição (5.90).

Gráfico n.º 1: Representações das Forças Armadas enquanto instituição

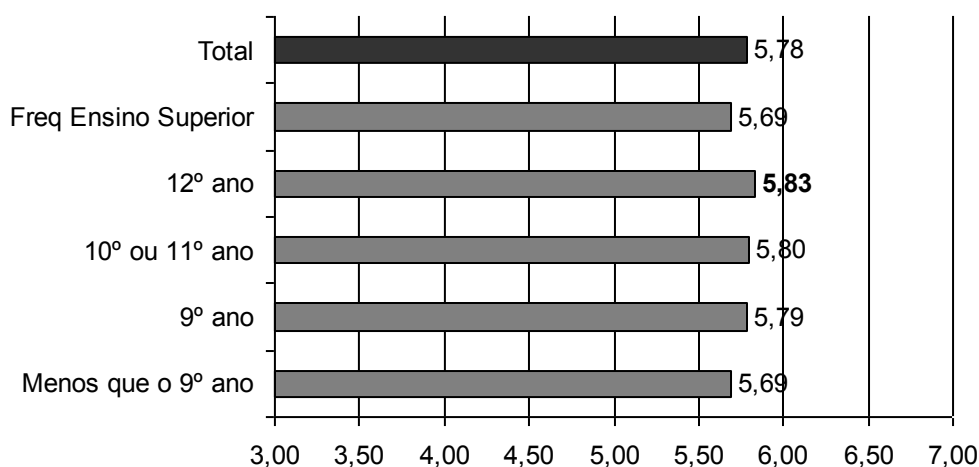


Escala: 1 – Não concorda nada / 7 – concorda totalmente

Fonte: DGPRM DDN 2010/2011

Sintetizando a informação dos vários itens utilizados num indicador de natureza estatística, pelo gráfico n.º 2 verifica-se que o mesmo obtém um valor de 5.78, o que é bastante positivo face à escala utilizada. Analisando a influência do nível de escolaridade dos inquiridos em termos de variação deste indicador, constata-se que o efeito existe, é de sentido positivo e tem significância estatística. Ou seja, as representações de natureza institucional aumentam ligeiramente à medida que os níveis de escolaridade são mais elevados, tendência esta que apenas não é visível junto dos que frequentam o ensino superior. No entanto, em todos os níveis de escolaridade as representações são positivas o que permite concluir que, enquanto instituição, as Forças Armadas são bem vistas pelos jovens que integram este estudo.

Gráfico n.º 2: representações das Forças Armadas enquanto instituição, por nível de escolaridade

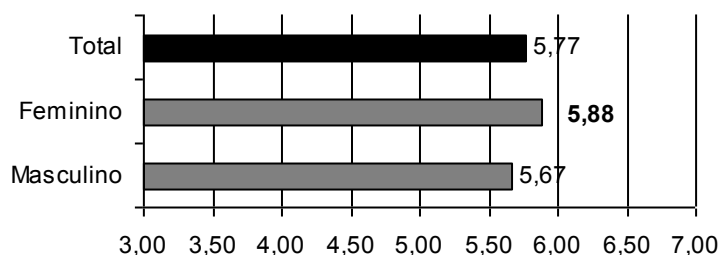


$$f(4; 92098) = 90.545 \quad p = 0.000$$

Escala: 1 – Muito negativas / 7 – Muito positivas

Em matéria de influência de género é relevante destacar, como está expresso no gráfico n.º 3, que as raparigas evidenciam representações sobre as Forças Armadas ligeiramente mais positivas do que os rapazes, se bem que as destes são também positivas.

Gráfico n.º 3: Representações das Forças Armadas enquanto instituição, por género



$$f(1; 92796) = 1196,777 \quad p = 0.000$$

Escala: 1 – Muito negativas / 7 – Muito positivas

Fonte: DGPRM DDN 2010/2011

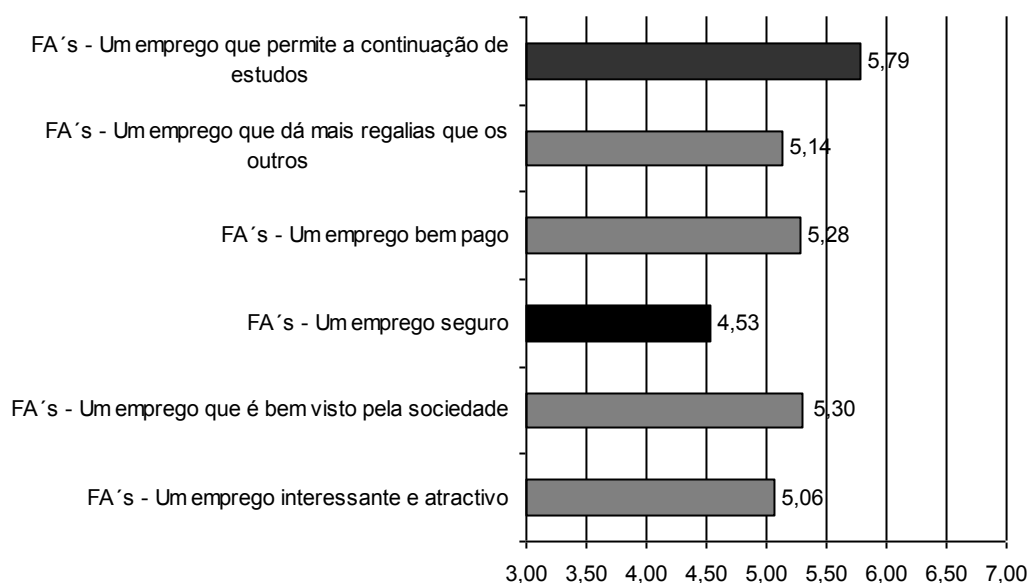
b) As representações de índole Profissional

No que concerne a esta dimensão de representação das Forças Armadas, do ponto de vista analítico foram abordadas as questões da atractividade do emprego proposto pelas Forças Armadas, complementadas com questões que permitem aprofundar o conhecimento sobre a forma como os jovens em estudo caracterizam este tipo de emprego.

Como afirma J.F. Leger, “será quando a actividade profissional quotidiana, tal como ela é percebida no momento das acções de recrutamento, abranja a imagem que o jovem deseja dar de si mesmo (ou que tem de si mesmo) que o interesse manifestado pela actividade profissional militar terá mais oportunidade de se concretizar em ingresso” (LEGER, J-F, 2003:714).

No que respeita a resultados, pelo gráfico n.º 4 é possível dar conta de alguns aspectos relevantes. O primeiro prende-se com facto de as representações nesta dimensão de análise, apesar de positivas, terem valores mais baixos do que os apurados para a vertente institucional. O segundo aspecto relevante é que para os jovens inquiridos o aspecto que mais distingue um emprego nas Forças Armadas é a possibilidade de continuar um percurso de formação (5,79). Assim, um emprego como este não é visto como um fim em si mesmo, mas como uma etapa de um processo de qualificação, prestigiado pela sociedade (5,30) e razoavelmente bem pago (5,29). No entanto, apesar de visto desta forma, o seu nível de atractividade sendo positivo (5,06) não é muito elevado.

Gráfico n.º 4: Representações das Forças Armadas enquanto oportunidade profissional



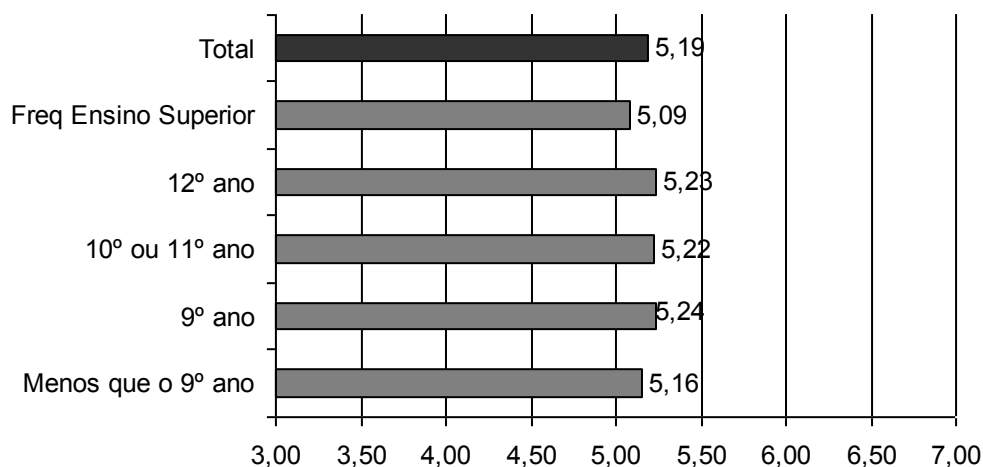
Escala: 1 – Não concorda nada / 7 – concorda totalmente

Fonte: DGPRM DDN 2010/2011

Utilizando a mesma metodologia da análise da dimensão anterior que passa pela agregação dos vários indicadores num índice de representações de natureza profissional e fazendo-o variar em função da escolaridade dos inquiridos, é possível dar conta pelo gráfico n.º 5, que os valores de apreciação são positivos e seguem o mesmo padrão de variação detectado a propósito das representações institucionais, se bem que em patamares de positividade mais baixos. Neste sentido, também aqui as representações evoluem positivamente à medida que escolaridade aumenta, tendência que deixa de se registar junto dos jovens com frequência de ensino superior.

Não estando em causa valores negativos, será importante ressaltar esta dificuldade de penetração (em termos de atractividade) que as Forças Armadas evidenciam junto da população mais escolarizada, até porque a tendência evolutiva da população aponta para incrementos positivos a este nível.

Gráfico n.º 5: Representações das Forças Armadas enquanto oportunidade profissional por género



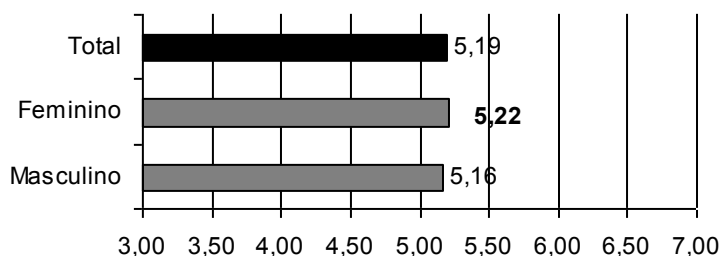
$$f(4; 92264) = 87,060 \quad p = 0.000$$

Escala: 1 – Muito negativas / 7 – Muito positivas

Fonte: DGPRM DDN 2010/2011

No que respeita à influência de género, como está expresso no gráfico n.º 6, ressalva-se que as raparigas evidenciam representações sobre as Forças Armadas ligeiramente mais positivas do que os rapazes, se bem que as destes são também positivas.

Gráfico n.º 6: Representações das Forças Armadas enquanto oportunidade profissional por género



$$f(1; 92961) = 63,455 \quad p = 0.000$$

Escala: 1 – Muito negativas / 7 – Muito positivas

Fonte: DGPRM DDN 2010/2011

4. A predisposição para ingresso nas Forças Armadas (adesão à profissão militar)

Num processo de profissionalização do serviço militar, a questão do recrutamento reveste-se de alguma centralidade, mas não pode ser vista de forma isolada até porque se inter-relaciona com outras dimensões, como sejam a fidelização de efectivos e a sua reconversão profissional para efeitos de reinserção na vida civil de uma forma profissionalmente activa. No entanto, podemos considerar que se as Forças Armadas não conseguirem desenvolver a sua capacidade de atrair e recrutar os recursos humanos de que necessitam, nenhuma das outras fases do processo de profissionalização terá a devida sequência ou deixará de se defrontar com dificuldades. É aqui que reside a importância do recrutamento e, dentro deste, a de aferir e

monitorizar a atractividade que as Forças Armadas têm neste momento. Se até aqui analisamos o que pensam os jovens acerca das Forças Armadas, o que procuramos agora é perceber até que ponto consideram ou não a possibilidade de aderir às propostas profissionais que estas lhes colocam.

A questão do recrutamento é naturalmente condicionada por um conjunto de variáveis de natureza muito distinta, associadas quer às características estruturais do modelo de serviço militar, quer à dinâmica conjuntural do mercado de emprego que se verifica na envolvente em que as Forças Armadas se inscrevem.

No entanto, é possível afirmar que o recrutamento, em larga medida, depende da propensão manifestada pelo público-alvo que visa atingir, ou seja, depende da predisposição dos actores para agir em relação às propostas que lhes são apresentadas.

Tratando-se de projecções para o futuro, construídas com base em experiências vividas, permitirão, também, analisar a coerência de sentido que se estabelece entre escolhas, percurso desenvolvido e perspectivas. Este processo de inserção das escolhas numa trajectória, traduz o que Giddens denomina como colonização do futuro ou arrastamento do tempo futuro para o tempo presente, o que se constitui, aliás, como um traço da época actual marcada por uma cultura de projecto (Giddens, A. 1994). O projecto pode ser conceptualizado como a representação de objectivos ou desejos futuros que, partindo de experiências passadas, organiza e confere sentido às acções presentes e quotidianas. Na sua elaboração, encontra-se uma dinâmica que resulta do cruzamento das dimensões individual e social. Individual porque implica uma avaliação, uma estratégia, uma selecção em função de experiências ou necessidades individuais. Social pela existência de um campo de possibilidades fortemente estruturantes do mesmo.

É o lugar das Forças Armadas nestes projectos pessoais que procuramos aferir, avaliando o grau de interesse em ingressar que os jovens manifestam, aferindo os factores que influenciam e fazem variar este mesmo grau de interesse, assim como caracterizar os mecanismos de justificação das motivações apresentadas.

a) O grau de interesse em ingressar nas Forças Armadas

Analisando a tabela n.º 2, damos conta que em termos globais a percentagem de jovens interessados em ingressar nas Forças Armadas é de 33,5%, valor que, se for visto de uma forma isolada, é ainda bastante expressivo e que sustenta a tese de que a base de recrutamento das Forças Armadas ainda tem alguma dimensão quantitativa. Aliás, a percentagem daqueles que rejeitam liminarmente esta possibilidade é de 30,7%, sendo que os restantes inquiridos afirmam que não sabem (35,8%).

Tabela N.º 2: A predisposição para ingresso nas Forças Armadas, por Género

	Género		Total
	Masculino	Feminino	
Está interessado em ingressar	18599	13364	31963
	38,6%	28,2%	33,5%
Não está interessado em ingressar	13009	16337	29346
	27,0%	34,5%	30,7%
Não sabe	16519	17674	34193
	34,3%	37,3%	35,8%

Total	48127	47375	95502
	100,0%	100,0%	100,0%

Em termos de influência de género nesta predisposição, o cenário é também ele bastante nítido. A mesma tabela, permite dar conta que a percentagem de raparigas interessadas nesse eventual ingresso é de menos 10% que a evidenciada pelos rapazes, ou seja, 28,2% contra 38,6%. Neste sentido, é possível dizer que o lugar das Forças Armadas enquanto suporte de trajectórias profissionais dos jovens inquiridos apresenta diferenças significativas em função do género, estando mais presentes no caso dos rapazes.

No que respeita à influência da escolaridade nesta predisposição, a tabela n.º 3 demonstra de forma evidente que ela existe e é de grande relevância. Olhando os dados com detalhe dá-se conta que a percentagem de jovens interessados no ingresso é menor à medida que o nível de escolaridade é mais elevado, registando-se a evolução inversa no caso da percentagem de não interessados nesse ingresso.

Há assim uma relação de influência de sentido negativo para a qual importará encontrar algumas justificações e respostas, que passarão sem dúvida pelos projectos de escolaridade cada vez mais prolongados que os jovens pretendem encetar, adiando por isso o seu ingresso no mercado de trabalho, mas também estarão relacionados com a apreciação valorativa que os jovens fazem das Forças Armadas em matéria de valorização das qualificações.

De qualquer forma, conseguir uma percentagem de 32,3% de jovens com o 12º ano a manifestar interesse em ingressar nas Forças Armadas não pode deixar de ser visto como significativo.

Tabela N.º 3: Predisposição para ingresso nas Forças Armadas por nível de escolaridade

	Nível de Escolaridade					Total
	Menos que o 9º ano	9º ano	10º ou 11º ano	12º ano	Freq Ensino Superior	
Está interessado em ingressar	2324	6229	7285	11763	3890	31491
	52,1%	46,7%	41,1%	32,3%	17,1%	33,2%
Não está interessado em ingressar	934	2817	4210	10531	10685	29177
	20,9%	21,1%	23,7%	28,9%	46,9%	30,8%
Não sabe	1205	4293	6239	14114	8192	34043
	27,0%	32,2%	35,2%	38,8%	36,0%	35,9%
Total	4463	13339	17734	36408	22767	94711
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Procurando apreender de forma mais robusta os factores que melhor explicam a variação da predisposição para ingresso nas Forças Armadas desenvolvemos uma análise de regressão. Dos resultados obtidos, e constantes da tabela n.º 4, constata-se que a opinião com que os jovens ficam do Dia da Defesa Nacional ($B = .353$) e as representações profissionais acerca das Forças Armadas ($B = .204$), são as variáveis, de entre as

consideradas, que mais influenciam essa predisposição. Num segundo plano, se bem que com interesse mas com menor relevância, surgem as opiniões de familiares e amigos acerca das Forças Armadas.

Em termos globais as seis variáveis que fizeram parte do modelo de regressão concebido conseguem explicar 32,4% da variação da predisposição para ingresso o que, nos domínios das ciências sociais, é um valor relevante. Assim, pode dizer-se que o ingresso nas Forças Armadas, ou a projecção desse ingresso, joga-se num plano onde as representações (directas ou de outros significativos) desempenham um papel importante.

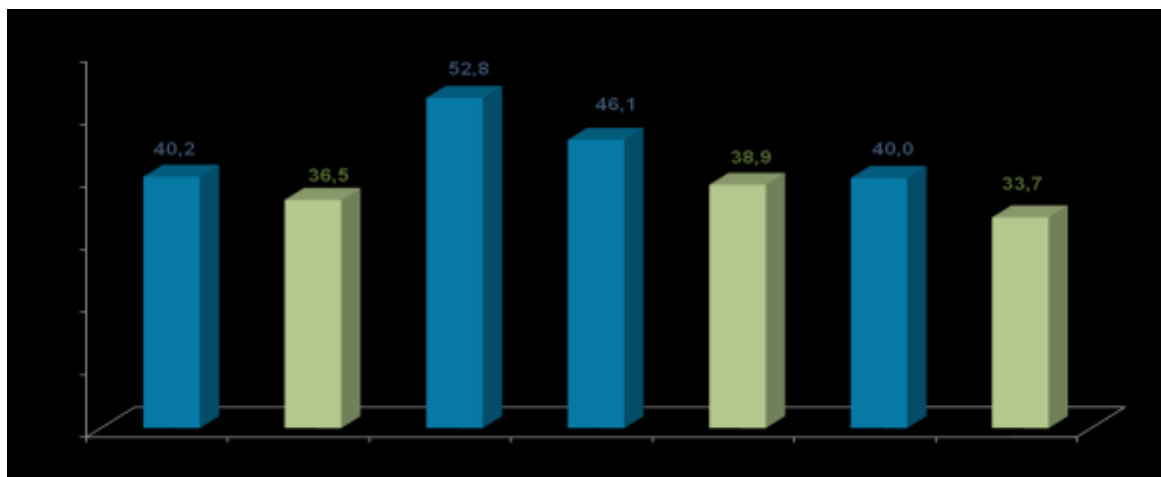
Tabela N.º 4: A explicação da predisposição para ingresso nas Forças Armadas – análise de regressão

	Beta	t	Sig.
(Constant)		-26,079	,000
Opinião geral sobre o Dia da Defesa Nacional	,353	103,712	,000
Representações Institucionais	-,031	-8,537	,000
Representações Profissionais	,204	58,632	,000
Opinião dos familiares sobre as Forças Armadas	,104	29,561	,000
Opinião dos amigos sobre as Forças Armadas	,083	23,979	,000

R2 Ajustado: .324 $f(6; 84874) = 6784,778$ $p = 0,000$

Situando o valor da predisposição para ingresso na serie de dados resultante da implementação do programa de estudos “jovens e Forças Armadas”, pelo gráfico n.º 7 dá-se conta que entre 2006/2007 e 2008/2009 os valores passaram de 52,8% para 38,9%, sendo que a partir desta altura quase que estagnaram, isto se tivermos em conta para 2010/2011 não os 33,7% globais, mas sim os 38,6% referentes aos sexo masculino, pois é apenas este segmento populacional que está representados nos dados de todos os anos anteriores. De qualquer forma, não deixa de ser significativo o facto de a predisposição para ingresso nas Forças Armadas não aumentar num quadro contextual marcado por um desemprego crescente, sobretudo ao nível da população jovem.

Gráfico n.º 7: Evolução da predisposição para ingresso nas Forças Armadas (%)



Fonte: DGPRM DDN 2010/2011

b) Perfil de ingresso e mecanismos justificativos

No que respeita ao perfil de ingresso, nomeadamente ao ramo em que os jovens projectam efectivar o mesmo a tabela n.º5 permite dar conta que há uma clara hierarquização das preferências. Em termos globais 46.4% dos jovens que consideram a hipótese de ingressar nas Forças Armadas indicam o Exército como o ramo preferencial para o fazer. valor este que é de 24.1% para a Força Aérea e de 23.1% para a Marinha. De salientar que apenas 6.4% destes interessados não manifestam nenhuma preferência por um ramo específico. Se analisarmos a influência da variável género nestas manifestações de preferência damos conta que há um ligeiro predomínio das preferências dos rapazes pelo Exército (48.9% contra 43.1% das raparigas), ao passo que a Marinha tem esse predomínio nas raparigas (25.5% contra 21.3% dos rapazes). Na Força Aérea assiste-se a uma quase paridade das intenções em matéria de género.

Tabela N.º 5: Ramo de preferência em caso de ingresso , por Género

		Género		
		Masculino	Feminino	Total
Ramo de preferência em caso de ingresso	Não teria preferência	963	1024	1987
		5,4%	7,9%	6,4%
Preferia a Marinha		3823	3311	7134
		21,3%	25,5%	23,1%
Preferia a Exército		8775	5594	14369
		48,9%	43,1%	46,4%

	Preferia a Força Aérea	4401	3052	7453
		24,5%	23,5%	24,1%
Total		17962	12981	30943
		100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: DGPRM DDN 2010/2011

Se tivermos em linha de consideração o efeito da escolaridade na manifestação de interesse que está a ser analisada damos conta de algumas regularidades relevantes. Pela tabela n.º 6 pode ver-se que, no caso do Exército, a sua preferência vai decaindo de forma progressiva à medida que os níveis de escolaridade são mais elevados, sendo no entanto o ramo mais atractivo em cada um. Em sentido inverso, a Força Aérea evidencia um aumento progressivo do nível de interesse que suscita à medida que a escolaridade dos jovens inquiridos vai aumentando. Por seu turno a Marinha parece um pouco imune ao efeito da escolaridade não sendo perceptível nenhum sentido de influencia da mesma.

Em jeito de conclusão sobre os perfil de ingresso importará reter que as posições manifestadas pelos jovens têm subjacente um ramo específico e que a escolha desse ramo é influenciada de forma clara pelas habilitações escolares que possuem, assim como pelo género, se bem que de forma menos vincada.

Tabela N.º 6: Ramo de preferência em caso de ingresso por Nível de Escolaridade

	Nível de Escolaridade					Total
	Menos que o 9º ano	9º ano	10º ou 11º ano	12º ano	Freq Ensino Superior	
Não teria preferência	234	379	426	642	274	1955
	10,9%	6,4%	6,0%	5,6%	7,1%	6,4%
Preferia a Marinha	555	1247	1722	2555	915	6994
	25,9%	21,1%	24,3%	22,2%	23,8%	22,9%
Preferia a Exército	1049	3059	3315	5261	1462	14146
	49,0%	51,8%	46,7%	45,6%	38,1%	46,4%
Preferia a Força Aérea	301	1219	1635	3070	1189	7414
	14,1%	20,6%	23,0%	26,6%	31,0%	24,3%
Total	2139	5904	7098	11528	3840	30509
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: DGPRM

DDN 2010/2011

b) Motivos com que justificam a intenção de ingresso nas Forças Armadas

Estudos realizados acerca de Forças Armadas de outros países com uma matriz organizacional assente na profissionalização, permitiram dar conta que, de facto, estas são capazes de despertar o interesse de jovens que visam projectos identitários muito diferentes, porque as imagens por elas projectadas oferecem um conjunto diversificado de suportes que parecem ajudar a formular as suas expectativas e a fornecer-lhes marcadores que participam na definição da identidade pretendida verificando-se contudo, uma certa predominância da tendência instrumental na justificação da adesão (LEGER, J.F. 2003).

Tendo por base esta perspectiva teórica seria expectável que os jovens portugueses usassem, tendencialmente uma justificação de intenção de ingresso assente numa lógica de ganhos possíveis com o mesmo, sejam eles materiais, de incrementos de qualificação ou profissionais e menos assente em questões de proximidade simbólica ou cultural com as Forças Armadas. Os dados apurados no presente programa de estudos e apresentados na tabela n.º 7 permitem dar conta que os jovens portugueses que pretendem ingressar nas Forças Armadas, em termos mais gerais, justificam essa pretensão pela atractividade das missões e actividades desenvolvidas por estas, assim como no desafio e aventura que esse ingresso será capaz de proporcionar. Os aspectos de natureza mais instrumental, como por exemplo o uso do ingresso nas Forças Armadas para concorrer aos seus quadros permanentes, ou para potenciar as suas qualificações profissionais aparecem num segundo patamar de importância. Num lugar intermédio, surge a intenção de participar numa missão internacional de apoio à paz, mas aqui há que ter em consideração a dupla natureza de que este aspecto se reveste. É sem dúvida uma motivação de ordem simbólica ou motivacional, mas que tem associados ganhos instrumentais (compensação financeira acrescida). Aspectos como a importância dos benefícios e regalias que sustentam um regulamento de incentivos ou mesmo do ordenado não têm grande importância do ponto de vista da justificação dos jovens.

No que concerne à variação das justificações em função do ramo onde o ingresso está a ser projectado os dados não permitem apurar diferenças muito relevantes. Apesar da diferença de intensidades a hierarquização dos motivos justificativos apontados é semelhante nos três ramos.

Tabela N.º 7: Motivos justificativos do ingresso

Motivos de ingresso %	Marinha	Exército	Força Aérea
Actividades e missões das FA's	48,5	58,6	54,9
Concorrer ao QP FA's	22,8	18	22,7
Prestigio social dos militares	18,8	17,4	18,5
Concorrer QP das FSegurança	8,9	9,2	8,8
Incentivos atractivos	12,8	11,6	13,5
Pelos desafios e aventura	43,9	50,1	46,5
Participar em missões de paz	35,3	37,3	32,5
Adquirir independência económica e familiar	18,4	13,8	14,2
Adquirir formação profissional	25,1	23,1	26
Pelo ordenado	15,4	14,4	18
Por ter amigos nas FA's	4,2	3,3	2,9
Atracção pela cultura e características da vida militar	6	5,9	5,1
Por não ter emprego	5,4	4,6	3,7
Por não conseguir arranjar outro tipo de emprego	4,3	3,5	3

<i>N (Nº interessados em ingressar no ramo) =</i>	7269	14596	7533
---	-------------	--------------	-------------

Analisando a variação dos motivos justificativos em função do género, patenteados na tabela n.º 8 é interessante dar conta que há algumas diferenças relevantes. Como elemento justificativo de maior relevância, seja para os rapazes ou para as raparigas, aparece a atractividade das missões e das actividades desenvolvidas pelas Forças Armadas.

No entanto, num segundo patamar de importância, as raparigas apresentam uma quase paridade de valores entre o desafio e a aventura e o participar em missões de paz. Este é de facto um aspecto muito particular, pois a utilização da participação em missões de apoio à paz enquanto elemento de justificação do ingresso, em termos percentuais, nas raparigas chega a ser quase o dobro dos rapazes. Certamente que a associação das missões de paz enquanto actividade relevante desenvolvida pelas Forças Armadas terá aqui algum efeito.

Um outro aspecto distintivo e com relevância prende-se com a importância atribuída à participação nos concursos de acesso ao quadro permanente, superior nos rapazes e o adquirir de mais formação profissional que é superior nas raparigas. Em ambos os casos estamos perante aspectos de natureza mais instrumental, mas que apontam para lógicas diferentes em termos de estruturação de percursos profissionais.

Relativamente aos restantes aspectos considerados na grelha analítica utilizada não se encontraram outras diferenças substanciais.

Face a estes dados, é pertinente afirmar que, apesar de rapazes e raparigas utilizarem em termos globais a mesma grelha de elementos justificativos, há algumas diferenças que parecem apontar para lógicas de utilização do ingresso nas Forças Armadas que são algo diferentes em função do género e do ramo em que o mesmo se pretende efectivar.

Tabela N.º 8: Motivos justificativos do ingresso, em função do Género

Motivos de ingresso %	Marinha		Exército		Força Aérea	
	M	F	M	F	M	F
Actividades e missões das FA's	50,8	46,2	60,1	56,1	54,7	55,3
Concorrer ao QP FA's	25,1	20,1	19,9	15,1	25,4	18,8
Prestígio social dos militares	21,2	16,3	19,9	13,4	21,5	13,9
Concorrer QP das FSegurança	10	7,5	10,1	7,9	10,2	6,9
Incentivos atractivos	11,3	14,5	10,4	13,7	13,3	14
Pelo desafio e aventura	44,3	43,9	51,5	48,2	46,9	46,2
Participar em missões de paz	28,2	43,8	30,6	48,1	22,6	46,9
Adquirir independência económica e familiar	18,4	18,2	13,8	13,5	15,3	12,6
Adquirir formação profissional	23,5	26,7	21,7	25,3	24,9	27,7
Pelo ordenado	16,3	14,5	15,1	13,5	20	15,3
Por ter amigos nas FA's	4,5	3,4	3,6	2,9	3,2	2,3
Atracção pela cultura e características da vida militar	6,3	5,8	5,8	5,9	4,7	5,8
Por não ter emprego	6,3	4,4	5,1	3,6	4,3	2,6
Por não conseguir arranjar outro tipo de emprego	4,7	3,7	3,7	2,9	3,2	2,7
<i>N (Nº interessados em ingressar no ramo) =</i>	3823	3311	8775	5594	4401	3052

5. Conclusões e desafios que se colocam às Forças Armadas no quadro da profissionalização do serviço militar

Como primeira nota conclusiva relativamente à relação dos jovens participantes no Dia da Defesa Nacional com as Forças Armadas, destaca-se a positividade das representações, tanto nos domínios de conteúdo associados à vertente institucional, como nos que reportam à apreciação do emprego proposto, se bem que os primeiros são mais positivos.

Trata-se ainda de uma positividade que se tem revelado estável ao longo dos ciclos de estudos, o que, tendo em conta que se trata de uma instituição não muito presente no universo relacional ou simbólico dos jovens, merece algum realce. Contudo, apesar desta positividade geral detectaram-se algumas variações que, até por serem recorrentes, importa realçar, nomeadamente a influência do nível de escolaridade dos jovens, da qual se extrai que a população com escolaridade mais elevada tende a manifestar representações menos positivas face às Forças Armadas, sem que se chegue contudo a atingir valores negativos. Estando num contexto social em que a escolaridade dos jovens segue uma trajectória crescente consideramos que este será um aspecto que deve suscitar reflexão por parte das Forças Armadas de forma a garantirem a sustentabilidade do modelo de profissionalização do serviço militar em que actualmente assentam.

No que concerne à predisposição para ingresso nas Forças Armadas, desde que se iniciaram os estudos no âmbito do Dia da Defesa Nacional, **o actual ciclo registou um dos valores mais baixos** (aproximadamente 33% em termos globais, e 38% considerando apenas o sexo masculino), o que, do ponto de vista quantitativo, se pode considerar como um indicador com alguma importância em matéria de sustentabilidade do modelo de profissionalização das Forças Armadas. No entanto, a tendência decrescente que está a evidenciar ao longo dos últimos três anos, por sinal em contra ciclo com evolução das taxas de desemprego jovem, deve ser considerada e analisada pelas cúpulas da instituição militar. A profissão militar está a perder atractividade junto de uma população cada vez mais escolarizada.

Ainda em matéria de escolaridade, foi possível verificar que cada um dos ramos enfrenta situações diversas. O interesse pelo Exército tende a diminuir à medida que a escolaridade dos jovens aumenta, ao passo que o da Força Aérea segue uma lógica evolutiva oposta.

Como complemento da informação relativa ao perfil dos jovens interessados no ingresso em cada um dos ramos, foi também possível identificar os principais motivos em que assenta a justificação dessa pretensão, bem como a sua diferenciação consoante o ramo pretendido. Os dados permitiram dar conta que à pretensão de ingresso no Exército estão associados motivos relacionados com a atractividade das características da vida militar, à participação em missões de apoio à paz, ao passo que o ingresso na Marinha e na Força Aérea tem subjacente interesses que indicam a utilização das Forças Armadas como meio para atingir outros patamares, sejam eles de ingresso num quadro permanente, sejam de aumento das qualificações.

No que concerne aos **factores que explicam a variação da predisposição para ingresso nas Forças Armadas**, o modelo de regressão utilizado clarifica de forma segura a importância que o Dia da Defesa Nacional e as representações assumem nesta matéria, tratando-se das dimensões com influência mais significativa e de sentido positivo.

Face a tudo isto é possível afirmar que o contexto de profissionalização do serviço militar exige das Forças Armadas uma atitude proactiva e uma atenção especial às representações e atitudes que os jovens têm a seu respeito, devendo por isso observar com atenção todos os mecanismos e suportes que contribuem para a sua definição. As Forças Armadas não podem ser expectantes e estar isoladas. Têm de procurar a sua legitimidade e relacionar-se com a população. É este um dos aspectos estruturantes da profissionalização..

6. Bibliografia

Battistelli, Fabrizio (2004) – Os militares e os desafios da pós-modernidade: o caso Italiano, In Revista Nação e Defesa Nº 107.

Giddens, Anthony (1994) – Modernidade e reflexividade, Ed Celta, Lisboa

Lada, Emmanuelle et Chantal, Nicole Drancourt (1998) – Images de l'armée et insertion des jeunes, Ed. Centre d'Etudes en Sciences Sociales de la Défense, Paris

Léger, Jean-François (2003) - Les Jeunes engagés, in Révue Française de Sociologie Nº 44-4